

SUCCESSÃO 97

ESTRUTURA DE PODER E O FUTURO DA UNIVERSIDADE

Isaias Raw

Estando afastado do dia-a-dia da USP, tenho a impressão de que a proximidade da eleição do reitor é um novo exercício de “olhar para o próprio umbigo”. As profundas alterações do cenário socioeconômico, que devem ditar o futuro da universidade, aparentemente pouco contam nesse processo. Como enfrentará a universidade as nuvens que surgem no horizonte ignorando as novas exigências da sociedade? A resposta certamente não é a simples substituição do Magnífico Reitor. Esse título pretensioso e obsoleto pouco revela sobre o limitado poder que o cargo oferece para realizar as mudanças do curso que a presente conjuntura exige. O poder está disperso por um grande número de colegiados e centrado nas grandes unidades e suas lideranças, que mantêm de fato o mesmo sistema da universidade que era o condomínio

Direito, Medicina, Engenharia e seus professores catedráticos. Praticamente o orçamento já está todo definido, não tendo uma parcela para inovações.

É curioso que nem mesmo a liderança chamada de esquerda está consciente de que a universidade fez um pacto com a sociedade, estabelecendo sua porcentagem considerável do ICMS. Agem como se essa porcentagem fosse a liberal mesada de um pai rico, a quem se poder pedir sempre um aumento. Não é sequer aventada a hipótese de que a porcentagem obtida seja o teto real que a sociedade concede às universidades do Estado, que poderiam ter de absorver não apenas as aposentadorias mas as dívidas com os bancos internacionais. Precisa planejar o que ocorreria com uma queda no montante do ICMS (a compensação da perda de ICMS das exportações não será feitas às universidades).

Por outro lado, a universidade não consegue que a população em geral e até as lideranças empresariais compreendam o que distingue as universidades do Estado das faculdades particulares. Conseqüentemente, não consegue explicar o custo por aluno quando comparado com as chamadas “universidades” privadas brasileiras e mesmo com as universidades estrangeiras. Só lhe resta aumentar consideravelmente o número de seus alunos, sem aumentar os custos, diminuindo o custo por aluno e a relação aluno/docente.

É inegável a inércia da universidade, mantendo cada um dos seus cursos profissionais com as disciplinas tradicionais feudo dos departamentos e seus docentes.

Idéias inovadoras, como o Curso Experimental de Medicina (liquidado pelo poder conservador), não têm surgido e jamais surgirão pela reformulação lenta dos atuais cursos ou por consenso. Cursos tradicionais continuam a preparar farmacêuticos para farmácias, onde eles jamais estão presentes ou arquitetos para outras profissões (que aparentemente desempenham com eficiência). Sustentam-se cursos sem demanda de mercado, que mantêm professores sem produção intelectual.

Jamais entra em discussão a demanda de mercado por profissionais tradicionais ou para novos tipos de profissionais. A plethora de um tipo de profissional que não mais encontra ocupação não entra na cogitação das escolas, que diminuindo o número de vagas perderiam recursos e sobretudo poder (igualmente não aceitam aumentar as vagas, aumentando sua obrigação, atuando como simples funcionários públicos que só reagem a propostas de aumento de salário, preferencialmente para continuar exercendo a mesma tarefa). Nunca imaginaram que em substituir o inútil processo de ensinar pelo de aprender, e no processo aprender a aprender, usando muito mais eficientemente o corpo docente. Em vez de aceitar conviver,

por omissão, com as “faculdades e universidades” de esquina, que cobram caro dos alunos mais pobres, estabelecer convênios de cooperação de forma a utilizar o potencial que elas representam para ministrar cursos mais simples com um curso menor. Assistem ao desemprego, mas jamais aceitam criar cursos superiores, complementares ou de reciclagem, ou até mesmo de nível médio, para criar mão-de-obra necessária pela transformação econômica. A única resposta seria a reserva de uma porção dos recursos para permitir criatividade, ensaiando novas formas de educação superior, que, atendendo a demanda da sociedade, resultam num considerável aumento de discentes/docentes e menor custo per capita de aluno.

Mantém-se a tradição de quatro estruturas universitárias estaduais (incluindo a FATEC, que seria a Universidade Técnica), em que o deslocamento de burocratas e administradores faz com que as reitorias fiquem cheias de carros de unidades de outras cidades e de dirigentes burocratas de todas as unidades da Unesp para o espigão da Paulista. Deve ser possível reintegrar as escolas superiores e os campi, criando um sistema

mais lógico e eficaz, que organizasse cursos diferentes e cursos equivalentes em moldes distintos.

Creio que é o momento de colocar o conjunto das universidades estaduais em quarentena, abrindo uma real discussão e exame de propostas para inovações, pelas quais, ao lado da rotina surjam novas experiências e, ao lado dos Conselhos ocupados com o julgamento de recursos, surja um *think-tank* com poder autônomo.

É possível utilizar melhor as instalações já existentes para criar ambientes onde alunos aprendem e estudam, em vez de assistir às aulas e xerocar cadernos?

Isaias Raw é diretor do Instituto Butantan e professor aposentado da Faculdade de Medicina da USP.

É inegável a inércia da universidade (...) Cursos tradicionais continuam a preparar farmacêuticos para farmácias, onde eles jamais estão presentes ou arquitetos para outras profissões (...) Sustentam-se cursos sem demanda de mercado, que mantêm professores sem produção intelectual.